

# A revolução brasileira

*Luiz Arthur Correia (\*)*

Trate de adivinhar de que país estamos falando: sua tecnologia é atrasada em relação a todo o mundo; quase toda indústria local é multinacional; não conta com poupança interna para financiar seu crescimento; devido ao seu alto nível de endividamento externo, tem que oferecer aos credores elevadas taxas de juros para rolar sua dívida e é obrigado a gerar constantes superávits comerciais; sua carga fiscal é pesada, complexa e antiquada; suas tarifas alfandegárias elevadas; cerca de 50% de sua exportação constam de produtos primários; apesar de estar colocada entre as dez maiores economias do mundo, sua renda *per capita* é 1/5 da dos EUA, 1/4 da Inglaterra e 1/3 da Alemanha; sua população basicamente camponesa cresceu cerca de 60 milhões nos últimos 25 anos (principalmente nas camadas de baixa renda); a característica básica de sua propriedade rural é latifundiária; suas débeis elites governantes oscilam entre privilegiar seus apadrinhados e conceber projetos ufanistas de Grande Estado; é baixíssimo o gasto governamental com educação e saúde; ao redor das grandes cidades formam-se áreas periféricas onde a falta de esgoto e postos de saúde criam ambientes propícios a todas as doenças; é grande a taxa de mortalidade infantil; existem fortes discrepâncias sócio-econômicas entre as diversas regiões do país. Adivinhou? Errou quem disse Brasil. A descrição acima é da Rússia czarista de 1910, sete anos antes da revolução bolchevique. Este claro exemplo histórico nos mostra que, num quadro de forte instabilidade social como o que vivemos em nosso país hoje, uma revolução é inevitável.

Felizmente, para o Brasil, a nossa revolução veio pelo voto.

Apesar da opinião de diversos intelectuais e comentaristas políticos, que, plagiando Pelé, tentaram demonstrar que o povo brasileiro não sabe votar, os dois candidatos elevados ao segundo turno são de fato a revolução pelo voto por constituiram incontestavelmente a oposição ao *establishment*. Felizmente, também para o Brasil, hoje vivemos do outro lado do mundo um tipo de revolução que servirá de antídoto contra as arcaicas teses marxistas.

Trata-se do abalo que a *perestroika* provocou no comunismo de todo o mundo; derrubando muros, ditaduras de proletariado e até trocando o nome de alguns partidos comunistas. Esta revolução vem fechar um ciclo dentro da própria Revolução Industrial, quando as relações capital/trabalho ainda não estavam dissecadas pela experiência de convívio mútuo que nosso século trouxe.

Do começo do século até o meio da década em que vivemos, muitas sociedades se deixaram influenciar pelos sons utópicos do *Das Kapital*, de Karl Marx.

No século XIX, numa contínua adaptação do homem à nova realidade industrial, diversos pensadores tentaram traçar princípios de relacionamento entre o trabalho e o capital, que agora alavancava produção sistemática. As teorias de Marx e Engels foram concebidas num mundo em que este relacionamento vivia

a dura realidade da inexistência total de direitos dos trabalhadores. Não havia sindicatos; crianças trabalhavam nas galerias de minas de carvão em turnos de 12 horas.

Mesmo assim, a adaptação do marxismo à realidade deu-se em campos sócio-políticos como a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a China, que guardam culturalmente tradições antidemocráticas e de imposição de sacrifícios ao povo e à sua liberdade.

As idéias de Marx se apóiam em três axiomas falsos:

1) a atividade econômica deve seguir o princípio de cada um produzindo segundo sua capacidade para cada um segundo sua necessidade. Marx esqueceu que poderia haver mais necessidade do que capacidade. Este é o gargalo das sociedades comunistas: o desequilíbrio entre oferta e demanda. Durante muito tempo, a propaganda comunista fez crer ao mundo que o marxismo era a opção pelos pobres; ao contrário, ao eliminar a concorrência, reduz a eficiência e torna-se a opção dos mediocres.

2) a história da humanidade é feita de luta de classes, luta entre oprimidos e opressores. Hoje, o avanço tecnológico pode democratizar benefícios e confortos diminuindo ou talvez acabando com esta "verdade histórica".

3) o caminho para alcançar a partilha comum de bens e serviços passa pela fase intermediária da ditadura do proletariado, para destruir a ordem social burguesa. Entretanto, em todos os países onde foi implantado o marxismo, o processo parou na ditadura do proletariado e nunca alcançou a utopia da divisão igualitária. Esta ditadura formou um Estado forte que impôs novamente diferenças entre classes dominantes e oprimidos, retornando ao ponto de partida. Enquanto os países democráticos evoluíram tecnologicamente através da livre iniciativa, livrando-se cada vez mais das desigualdades de classe e dando a todos acesso a melhores condições de vida.

Se Marx tivesse nascido na Alemanha de hoje, certamente teria escrito um livro bem diferente do *Das Kapital*.

Infelizmente, as idéias marxistas continuam a ser encaradas como "progressistas" no Brasil. Entre os dois candidatos, um deles tem dentre as forças que o apoiam correntes anacrônicas que podem levantar dúvidas no eleitorado quanto à adequação de seu governo ao mundo novo de progresso, bem-estar e liberdade que se descontina.

Na Rússia de 1917, Vladimir Ilich Ulyanov, o camarada Lênin, assumiu as teorias marxistas: estatizou a economia, acabou com as liberdades pessoais e instituiu a ditadura do proletariado. No Brasil de 1989, Luís Inácio da Silva, o companheiro Lula, não assume seu marxismo. Seu programa, porém, deixa clara a doutrina que segue: é a favor da estatização e sobrepuja a autoridade sindical aos poderes constitucionais existentes.

Pior, para conseguir "dar governabilidade a suas propostas", concedeu alianças que ameaçam transformar sua proposta reformista num arremedo da Nova República. Tancredo, como se sabe, foi obrigado a costurar acordos com todas as facções possíveis e ima-

gináveis para alcançar o poder. O resultado foi o imobilismo do governo que idealizou e coube a Sarney executar. Lula pode vir a ser transformado no Tancredo Vermelho.

Na ânsia de chegar ao poder e manobrado por Miguel Arraes, candidato a condestável da República Sindicalista, Lula se deixou seduzir pelo apoio do clientelismo amaralista, do peleguismo getulista, do caudilhismo raioso, do fisiologismo pemedebista e *last but not least* o continismo sarneysista.

Para dar um tom moderado às forças heterogêneas que compõem a Frente Popular, Lula faz pactos lá e cá sem perceber que nesta eleição tem gente disputando vaga para presidente da República, chefe da oposição primeiro ministro parlamentarista etc. Por estar abaixo de Collor nas pesquisas, Lula está aceitando fazer pactos que descharacterizam sua proposta inicial e podem acabar desiludindo seus eleitores do primeiro turno.

Collor, por outro lado, apoiado em seu favoritismo, mantém postura mais independente que vai lhe permitir executar um programa mais coerente com sua campanha contra o *status quo*. Terá ainda a vantagem de ter sido eleito pelos *descamisados* e de estar quase que embriagado por isto.

Será muito difícil para um político jovem como ele assumir o caldeirão social que é o Brasil de hoje, apoiado por este tipo de eleitorado, e trá-lo. Isto certamente vai apressar as reformas na estrutura social brasileira. Teá ainda a vantagem do crescimento do PT, que, se usado com sabedoria interna e externamente, facilitará uma negociação para aglutinar forças necessárias para tirar o país do atoleiro.

Enfim, esta é a nossa última chance de preparar o país para o próximo século. O século XXI será o século da liberdade e das conquistas humanas. Hoje já vivemos um mundo mais livre que o de nossos pais. Por toda parte respira-se liberdade. Esta liberdade, já conquistada nas artes, na moral e na ciência, expande-se agora para a economia.

O dogma marxista que aprisionava o homem e o privava de seus direitos básicos está sepultado da Rússia à Tchecoslováquia, com missa de sétimo dia celebrada em Berlim. A liberdade total está sendo restabelecida: liberdade para criar, produzir, consumir, cultivar, investir, emprestar, comprar, vender, exportar, importar etc.

E viável fazermos o nosso país participar desta era de prosperidade e bem-estar para todos. O *turning point* é aqui e agora. Quem vai fazer a escolha somos nós mesmos através do voto. Não haverá segunda chance...

Na região que vai da fronteira na Namíbia com Botswana até o deserto do Calaari Central habitam dois povos, G/wi San e Kung, que permanecem nos dias de hoje imunes à Revolução Agrícola. Vivem da caça e coleta como há 15.000 anos. São o alvo predileto da curiosidade de pesquisa de arqueólogos do mundo todo.

Caso o Brasil faça agora a escolha errada, dentro de alguns séculos seremos nós o alvo desta curiosidade científica — o último resquício de uma doutrina fossilizada chamada marxismo.